

TRAUMA, LEMBRANÇA E ESQUECIMENTO NOS POEMAS “FIM E COMEÇO” E “CAMPO DA FOME EM JASŁO”, DE WISŁAWA SZYMBORSKA

ROSÁLIA RITA EVALDT PIROLI (Doutoranda)
Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Curitiba, Paraná, Brasil
(rpirolli@gmail.com)

RESUMO: Neste artigo, propomos uma análise dos poemas “Fim e começo”, do livro *Gente na ponte* (1987) e “Campo da fome em Jasło”, de *Sal* (1962), da poeta polonesa Wisława Szymborska. Nosso objetivo será compreender como são representados, nesses poemas, as questões da experiência traumática e da memória em situações de guerras. Procuraremos relacionar essas questões com os conceitos de recordação de Ricœur (2007) e também com a relação ambivalente entre a memória e o esquecimento, proposta por Huyssen (2000).

Palavras-chave: Wisława Szymborska. Trauma. Memória.

Artigo recebido em 30 set. 2017.
Aceito em 23 out. 2017.

PIROLI, Rosália Rita Evaldt. Trauma, lembrança e esquecimento nos poemas “Fim e começo” e “Campo da fome em Jasło”, de Wisława Szymborska. *Scripta Uniandrade*, v. 15, n. 3 (2017), p. 167-185.
Curitiba, Paraná, Brasil
Data de edição: 11 dez. 2017.

TRAUMA, MEMORY AND FORGETTING IN WISŁAWA SZYMBORSKA'S POEMS "THE END AND THE BEGINNING" AND "HUNGER CAMP AT JASŁO"

ABSTRACT: In this paper, we develop an analysis of the Polish poet Wisława Szymborska's poems "The end and the beginning", from *People on the Bridge* (1987), and "Hunger camp at Jasło", from *Salt* (1962). We aim to demonstrate how these poems represent traumatic experience and memory issues. For this purpose, we will base our analysis on Ricœur's (2007) concepts of remembrance and also on Huyssen's (2000) relation between memory and forgetting.

Keywords: Wisława Szymborska. Trauma. Memory.

1 WISŁAWA SZYMBORSKA E A POESIA POLONESA PÓS-GUERRA

*Sou um péssimo público para a minha memória.
Ela quer que eu ouça sua voz incessantemente,
[...]*

Ela requer todo o meu tempo e atenção.

W. Szymborska, "Vida difícil com a memória" (2009)

Wisława Szymborska é uma poeta polonesa nascida em 1923, na cidade de Kórnik e falecida em 2012. Sua obra é composta de treze volumes, publicados entre 1952 e 2012, sendo que os dois primeiros, *Por isso vivemos* (1952) e *Perguntas feitas a mim mesma* (1954), foram rejeitados posteriormente pela própria poeta devido à sua adesão, na época, à estética do socialismo real, que

PIROLLI, Rosália Rita Evaldt. Trauma, lembrança e esquecimento nos poemas "Fim e começo" e "Campo da fome em Jasło", de Wisława Szymborska. *Scripta Uniandrade*, v. 15, n. 3 (2017), p. 167-185.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 11 dez. 2017.

foi a orientação poética oficial do regime socialista entre os anos 1930 e 1960. O poeta e crítico Stanisław Barańczak (1997, p. 387) chama a atenção para a dimensão reduzida da produção da poeta, mas que apresenta, no entanto, uma extraordinária regularidade no que concerne à qualidade poética. Essa excelência foi reconhecida em 1996, ano em que Szymborska foi laureada com o Prêmio Nobel de Literatura pelo conjunto de sua obra. No Brasil, seus poemas já haviam sido traduzidos e publicados em coletâneas mistas, como *Quatro poetas poloneses* (1994) e em revistas, como a *Poesia sempre* (2008). Em 2011, foi publicada a primeira antologia exclusiva da poeta, intitulada *Poemas*, pela editora Companhia das Letras; a tradução ficou sob responsabilidade da tradutora e pesquisadora Regina Przybycien. Cinco anos mais tarde, a mesma editora publicou um novo volume, ainda mais robusto, sob o título *Um amor feliz*, também com tradução de Przybycien.

A crítica costuma enquadrar Szymborska na heterogênea “Geração de 56”, constituída pelos poetas poloneses nascidos no período entreguerras. Além dessa nova geração, outros poetas também tematizaram, de várias formas, a guerra e a *Shoah*, como Czesław Miłosz, Zbigniew Herbert e Tadeusz Różewicz – sendo que este último teve uma estreia tardia, em razão de sua recusa em publicar durante os anos de chumbo do stalinismo. Apesar de compartilharem certas vivências sobre a experiência dupla do totalitarismo – o alemão e o soviético – na Polônia, Przybycien, afirma que cada um desses autores respondeu diferentemente às pressões e às demandas artísticas e intelectuais da época. Em comum, segundo essa pesquisadora, eles tiveram “uma profunda consciência da falência de uma concepção evolucionista da história e [refletiram] sombriamente, e muitas vezes ironicamente, sobre a condição humana” (PRZYBYCIEN, 2011, p. 12). Esse grupo de poetas, tendo sobrevivido aos horrores da *Shoah*, se defrontou com a missão ética e estética de repensar o papel da poesia diante da catástrofe e dos traumas decorrentes dessa experiência. Segundo Henryk Siewierski (2000, p. 189), procurava-se também restabelecer a vocação lírica da poesia, dando grande importância ao sensível e ao imaginário e tomando partido das coisas e dos sentimentos mais simples e elementares, como o amor e a compaixão.

Nesse momento pós-guerra, a poesia volta, portanto, a reivindicar a sua relação com o real, afirmando-se como um meio de expressão para denunciar a barbárie, para amplificar a voz das testemunhas e para reelaborar o próprio sentido do fazer poético, fraturado ele próprio pelo esfacelamento dos pontos de referência no mundo após a guerra. Segundo Kilanowski (2014)¹, ao falar sobre aquilo que ocorreu, rompendo o mutismo provocado pelo trauma da catástrofe,

¹ Todos os artigos de Piotr Kilanowski consultados para este artigo se encontram na revista digital *Qorpus* e não apresentam número de página em suas publicações.

mostrando o efeito desse evento nos corpos, na história – tanto com h minúsculo, quanto com h maiúsculo – e mesmo no nível da linguagem, “a poesia torna-se uma tomada de posição ativa, torna-se uma necessidade” (KILANOWSKI, 2014). Se o trauma, em geral, pode ser compreendido, dentre outras formas, como uma ferida na memória, provocada por uma impossibilidade ou, pelo menos, por uma dificuldade na recepção de determinados eventos ou experiências que se apresentam como rupturas dos “limites” da percepção do indivíduo (SELIGMANN-SILVA, 2000, p. 84), a poesia pode ser, de acordo com Miłosz (2012, p. 129), uma espécie de caminho oblíquo, através do qual seria possível ressignificar a realidade, quando ela parece escapar até mesmo da possibilidade simbólica da linguagem.

Na poesia polonesa, os temas da guerra, da *Shoah* e a modalidade do testemunho, foram particularmente prolíficos, perpassando a obra de vários poetas em várias gerações. Dentro desse movimento de renovação da palavra poética, é possível reconhecer dois momentos distintos: no primeiro, mais imediato e mais vicinal à guerra, a grande preocupação era noticiar o horror do totalitarismo; no segundo, o questionamento em relação às heranças e às questões identitárias e a busca por uma ética, que resgatasse aqueles sentimentos elementares e também a procura por uma poética que fosse capaz de resgatar o significado das palavras, restituindo a sua função de comunicação (SIEWIERSKI, 2000, p. 188). Michael Hamburger (2007, p. 343) chama essa poética de uma poesia da austeridade, quase uma antipoesia, que, por meio do despojamento, pretendia reabilitar a linguagem de seu estatuto de ruína.

No período imediatamente posterior à guerra, era urgente resgatar a produção daqueles – poetas ou não – que não sobreviveram ao morticínio. Segundo Kilanowski (2014), esse era o caso dos poetas poloneses de origem judaica, que escreveram tanto em polonês quanto em hebraico e em iídiche. Para esses poetas, que produziram clandestinamente durante a guerra, o extermínio e o horror passaram a ser os seus temas únicos, o que “[...] faz da poesia deles uma poesia de testemunho, que poderia não ter tido grande valor poético, se não fosse pela vivência dos autores, que transforma sua poesia em um instrumento poderosíssimo de grito contra o que estava acontecendo” (KILANOWSKI, 2014). Essa produção era marcada, portanto, por tonalidades variadas de protesto e de resistência. A essa poesia, escrita “no calor da hora” e que conserva, ainda hoje, um importante estatuto de documento, de prova testemunhal das experiências coletivas e individuais daqueles que a escreveram, soma-se igualmente a produção dos poetas de origem polonesa, que escreveram apenas mais tarde sobre esses mesmos temas, com algumas exceções. Para Kilanowski (2014), o intervalo temporal, ainda que reduzido em certos casos, permitiu um distanciamento que era impossível durante a guerra e que possibilitou a reflexão, tanto ética quanto estética, sobre o evento

PIROLLI, Rosália Rita Evaldt. Trauma, lembrança e esquecimento nos poemas “Fim e começo” e “Campo da fome em Jasło”, de Wisława Szymborska. *Scripta Uniandrade*, v. 15, n. 3 (2017), p. 167-185.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 11 dez. 2017.

traumático e também sobre as possibilidades remanescentes do fazer poético. Um ponto, porém, era unânime, de acordo com Kilanowski (2014): a necessidade de falar sobre o assunto e de procurar meios de expressão para dizer o indizível a respeito dessa experiência histórica.

Como já comentamos, os temas da guerra e da *Shoah* tiveram um tratamento bastante heterogêneo da parte desse grupo de poetas. Miłosz (cf. KILANOWSKI, 2014) escreveu durante e após o evento, ainda tomado pelo impacto dos acontecimentos. Herbert e Różewicz, por sua vez, assumiram uma posição explícita em relação às heranças da guerra. Ambos se incumbiram conscientemente da tarefa de “dar testemunho” (SIEWIERSKI, 2000, p. 190), seja de uma forma mais abrangente, em um exercício constante de revisão do passado e do presente, registrando a verdade, vil ou heroica, desses dois tempos, como no caso de Herbert, seja de uma forma mais diretamente relacionada aos eventos históricos recentes, como no caso de Różewicz. A produção desse poeta, segundo ele próprio, “é poesia para os tomados de horror. Para os entregues à carnificina. Para os sobreviventes” (HAMBURGER, 2007, p. 343). Dentro desse cenário, Szymborska encontra-se em uma situação distinta. Kilanowski (2014) afirma que, apesar de ter passado a sua juventude durante a guerra, essa poeta nunca teria dedicado, em sua obra, um lugar central a esse tema. Além disso, segundo Barańczak, Szymborska:

[...] nunca foi uma poeta política, em um sentido estrito, tanto que é possível que um livro seu passasse ileso pelo crivo da censura das editoras, mas ninguém pode deixar de reconhecer o significado político indireto de sua incansável defesa do indivíduo e a crítica ao ridículo de qualquer autoridade dogmática que permeia continuamente a sua produção poética (BARAŃCZAK, 1991, p. 9)²

No entanto, mesmo que a poesia de Szymborska não seja, necessariamente, poesia de testemunho, é possível encontrar diversos poemas que desenvolvem uma reflexão bastante aprofundada a respeito da História, de seu curso, de sua inevitabilidade, de suas margens e também de seus crimes. A Segunda Guerra Mundial aparece, nos interstícios de sua produção, como uma sombra, que relembra exaustivamente a falência do modelo de humanidade guiado pelo progresso e pela civilização. No entanto, para Przybycien (2005, p. 27), essa reflexão não desponta na obra da poeta polonesa

² Versão em inglês: “has never been a political poet in a strict sense – thus her book could emerge unscathed from a censored publishing house – but no one will fail to recognize the indirect political significance of her tireless defense of the individual and the ridicule of any dogmatic authority that continuously informs her poetry”. Tradução nossa.

PIROLLI, Rosália Rita Evaldt. Trauma, lembrança e esquecimento nos poemas “Fim e começo” e “Campo da fome em Jasło”, de Wisława Szymborska. *Scripta Uniandrade*, v. 15, n. 3 (2017), p. 167-185.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 11 dez. 2017.

sob o signo do trágico, mas se realiza através da simplicidade, do despojamento e do emprego de uma acentuada ironia. Segundo Siewierski (2000, p. 208), a obra de Szymborska, que pode ser definida pelo par paradoxal do encantamento e do desespero, é o espaço por excelência das possibilidades, sobre a “vida inconcebível, surpreendendo a cada segundo, [...] um desafio constante para a mente” (LIGEZA, 2014).

Para explicar a produção poética desse mundo em aberto, Przybycien (2011, p. 13) emprega a formulação de Gerhard Bauer, que compreende a obra de Szymborska como uma arte da pergunta, caracterizada por uma série de questionamentos de natureza filosófica que tem, por finalidade, desestabilizar, desestruturar e visitar aquilo que é conhecido como real ou como verdadeiro. É dessa forma que a História recebe atenção nos poemas de Szymborska: pelo prisma da revisão e do emprego de um ponto de vista não convencionalmente explorado, isto é, a reabilitação de sujeitos que, de outra forma, não teriam vez – e nem voz – no discurso histórico. O acerto de contas com a incerteza histórica, na obra dessa poeta, emprega frequentemente o tema da memória como ponto de passagem entre o presente e o passado revisitado. A memória, relacionada com o trauma – explorado aqui pelo seu viés psicanalítico –, será, justamente, o foco de nossa análise dos poemas “Fim e começo” e “Campo da fome em Jasło”.

2 RELAÇÕES ENTRE TRAUMA E MEMÓRIA E O JOGO AMBIVALENTE DA LEMBRANÇA E DO ESQUECIMENTO

*O que aconteceu deixou marcas. As marcas
deixam que o acontecido retorne, presumivelmente
num outro modo, não só traumático, nem reparatório.*

Márcio Seligmann-Silva

A noção psicanalítica de trauma, desenvolvida por Sigmund Freud a partir de seus trabalhos sobre as neuroses de guerra (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 537), procura dar conta de uma experiência que impõe um aumento ou uma sobrecarga de estímulos à subjetividade do indivíduo e que não é possível de ser absorvido ou elaborado completamente. Segundo Seligmann-Silva (2000, p. 84), o trauma se apresenta como a impossibilidade de recepção de um determinado acontecimento, que se mostra como uma experiência que força os limites da percepção do indivíduo. A vivência traumática provoca aquilo que Seligmann-Silva (2000) chama de feridas na memória, que pode se manifestar por intermédio da incapacidade de ressignificar a experiência em nível simbólico e “que vem à tona [como] fragmentos, ou cacos de uma memória esmagada pela força das ocorrências que não chegam nunca a se cristalizar em

PIROLLI, Rosália Rita Evaldt. Trauma, lembrança e esquecimento nos poemas “Fim e começo” e “Campo da fome em Jasło”, de Wisława Szymborska. *Scripta Uniandrade*, v. 15, n. 3 (2017), p. 167-185.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 11 dez. 2017.

compreensão ou lembrança. O indizível só pode ser não-dito e ‘lembrar’ pode ser uma forma de ‘esquecer’” (SELIGMANN-SILVA, 2000, p. 10). Cathy Caruth (2000, p. 111) reforça também que o trauma, por não ser compreendido quando ocorre, pode provocar o retorno tardio da cena traumática, sob a forma de pesadelos, *flashbacks* ou ainda outros fenômenos repetitivos. O trauma, portanto, como ferida é um obstáculo à rememoração (HUYSSSEN, 2000) ou ao trabalho de memória (RICŒUR, 2007).

No século XX, a memória enquanto objeto de estudo tem sido investigada sob várias perspectivas e os trabalhos de Andreas Huyssen e de Paul Ricœur são considerados estudos de referência. Ricœur (2007) propõe que a memória, em razão de seu caráter fragmentário e multifacetado, constitui a linha mestra da experiência temporal humana. Além disso, a memória aproxima-se da história, sendo, de certa forma, sua matriz, e também o canal de reapropriação e de reaproximação com o passado histórico. Segundo o historiador, essa relação entre história e memória também apresenta alguns problemas, pois a memória exercida está suscetível àquilo que Ricœur (2007, p. 71) chama de usos e abusos da memória, que decorrem em consequência, sobretudo, de eventos traumáticos.

Um dos abusos de memória que será bastante produtivo posteriormente para a análise dos poemas de Szymborska é o conceito de memória impedida, ferida ou fraturada (RICŒUR, 2007, p. 83). A memória impedida representa uma perda real ou simbólica daquilo que se encontra tanto na memória pessoal, a morte de uma pessoa estimada, por exemplo, quanto na memória coletiva. Tais perdas não são estanques, elas podem se sobrepor, uma vez que é muito delicado encontrar o limite entre as experiências individuais e coletivas. Em razão disso, o exercício de memória, por intermédio do bom uso dessas feridas, enfrenta alguns impedimentos que, como já vimos, estão diretamente relacionados com a experiência traumática: o esquecimento e a compulsão da repetição. O esquecimento, para Ricœur (2007), pode ocorrer de forma lenta, gradual e involuntária, em razão do apagamento dos vestígios de um evento ou de uma experiência, ou ainda de forma ativa, dissimulada, provocado pela vontade consciente de não querer saber, de não querer lembrar. A memória impedida, segundo o historiador, pode apresentar perigos significativos, tais como a dificuldade de reapropriação do passado, provocada pelo esquecimento, e também o impedimento da realização de um verdadeiro trabalho de memória em razão da repetição. Segundo Ricœur (2007), o trabalho de memória, efetivo, não se preocupa em buscar os fatos, mas sim em compreendê-los. Além disso, não se busca necessariamente o perdão, mas a concretização do processo do luto.

Da mesma forma que o esquecimento, a lembrança também não tem uma natureza única. De acordo com Ricœur (2007, p. 43), é possível distinguir, por

PIROLLI, Rosália Rita Evaldt. Trauma, lembrança e esquecimento nos poemas “Fim e começo” e “Campo da fome em Jasło”, de Wisława Szymborska. *Scripta Uniandrade*, v. 15, n. 3 (2017), p. 167-185.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 11 dez. 2017.

exemplo, o par *hábito e memória*, que pode ser compreendido também como a dupla memória-hábito e memória-lembrança de Bergson. Essas formas de memória pressupõem a experiência vivida, mas se diferenciam nas relações que guardam com o tempo: enquanto a memória-hábito, manifestada no presente, não guarda necessariamente uma ligação com o passado, a memória-lembrança é marcada pela profundidade temporal da experiência rememorada. Essa segunda categoria não pode ser afetada pelo tempo sem que isso altere a sua natureza e é ela, segundo Ricœur (2007) que nos permite “voltar a subir a encosta de nossa vida passada para nela buscar determinada imagem” (RICŒUR, 2007, p. 44). Dessa forma, uma imagem pode conservar uma lembrança, mas o oposto não é necessariamente verdadeiro. Além do par memória-hábito e memória-lembrança, esse historiador também distingue dois outros tipos de memória, que serão interessantes para a análise dos poemas de Szymborska: a recordação instantânea e a recordação laboriosa. A recordação instantânea apoia-se na recordação mecânica, apresentando-se sob o grau zero de busca. Trata-se de uma lembrança, de uma memória que emerge sem ter sido solicitada. O segundo tipo, a recordação laboriosa, pressupõe, por sua vez, uma reconstituição inteligente, consciente e voluntária e é aparentada do esforço de intelecção e, de certa forma, do processo de escrita. Se a recordação instantânea emerge sem dificuldade, a laboriosa traz consigo a marca do incômodo, do obstáculo e, eventualmente, do não-lembrar, da perda dos vestígios da memória.

Como vimos até aqui, a relação entre experiência traumática e memória é marcada por um jogo de claro-escuro, de lembrança e de esquecimento. No entanto, é importante ressaltar, segundo Huyssen (2000), que a memória e o esquecimento não são lados opostos e que a relação entre elas é de uma natureza muito mais sutil do que a de simples oposição. Huyssen (2000) retoma os trabalhos de Freud para alertar que “a memória e o esquecimento estão indissolúvel e mutuamente ligados; que a memória é apenas uma outra forma de esquecimento e que o esquecimento é uma forma de memória escondida” (HUYSSSEN, 2000, p. 18). Além disso, ao tratar de uma espécie de *boom* contemporâneo da memória, iniciado após a *Shoah*, esse pesquisador se interroga se seria o medo do esquecimento que disparou o desejo de lembrar ou se seria justamente o oposto, a lembrança guardaria consigo uma eterna inquietação diante da sombra do esquecimento. Esses questionamentos de natureza filosófica, que caracterizam a poesia de Szymborska, terão grande peso nos poemas que analisaremos na próxima seção, assim como todas essas categorias de recordações.

PIROLLI, Rosália Rita Evaldt. Trauma, lembrança e esquecimento nos poemas “Fim e começo” e “Campo da fome em Jasło”, de Wisława Szymborska. *Scripta Uniandrade*, v. 15, n. 3 (2017), p. 167-185.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 11 dez. 2017.

3 A POESIA COMO INVESTIGAÇÃO E COMO RECORDAÇÃO LABORIOSA DO MUNDO

O poema “Fim e começo” faz parte do volume *Gente na ponte* (1987). Segundo Kilanowski (2016), os poemas desse livro trazem reflexões ao mesmo tempo universais e particulares, que podem ser lidas sob a luz dos acontecimentos históricos e políticos da Polônia daquele momento, diante da Lei Marcial que visava enfraquecer e desestruturar o movimento do Solidariedade. “Fim e começo” pode ser lido simplesmente como um poema sobre a guerra, mas ele ganha em tragicidade se for analisado sob o filtro da catástrofe da *Shoah*.

O poema de Szymborska é composto de dez estrofes de tamanhos variados, entre quatro e sete versos. A tradutora, Regina Przybycien, manteve a forma do original polonês. Sobre o esquema rítmico, os versos são brancos e livres e a sua cadência se constrói em torno do modo hipotático, modulado pela organização lógica entre os versos. Desde o título, o poema introduz uma leve quebra de expectativa. O leitor poderia esperar um poema intitulado, por exemplo, “Começo e fim”, que mostraria poeticamente aquilo que conduz de um ponto ao outro, ignorando o que veio antes e o que virá depois. Ao deslocar esses dois pontos, Szymborska coloca em evidência justamente o intervalo entre essas duas extremidades. Se, como já vimos anteriormente, uma das características comuns dos poetas poloneses da “Geração de 56” é a percepção de que a história humana não caminha inexoravelmente para o progresso, o poema “Fim e começo” aponta, de certa forma, para o fim dessa percepção de civilização e evoca a noção de um tempo cíclico, algo como um eterno retorno nietzchiano. Com a *Shoah*, considerada por uma parte relevante dos historiadores como o ápice da barbárie do século XX, a civilização teria conhecido o fim daquilo que era até então. Mas, da mesma forma como a poesia não desapareceu, os homens ainda continuam sobre a Terra e depois do fim, redesenhou-se outro início. Esse novo começo, no entanto, não é de forma alguma messiânico ou redentor.

Depois de cada guerra
alguém tem que fazer a faxina.
Colocar certa ordem
que afinal não se faz sozinha.

Alguém tem que jogar o entulho
para o lado da estrada
para que possam passar
os carros carregando os corpos.

PIROLLI, Rosália Rita Evaldt. Trauma, lembrança e esquecimento nos poemas “Fim e começo” e “Campo da fome em Jasło”, de Wisława Szymborska. *Scripta Uniandrade*, v. 15, n. 3 (2017), p. 167-185.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 11 dez. 2017.

Alguém tem que se atolar no lodo e nas cinzas
em molas de sofás
em cacos de vidro
e em trapos ensanguentados.

Alguém tem que arrastar a viga
para apoiar a parede,
pôr a porta nos caixilhos,
envidraçar a janela.

As pontes têm que ser refeitas,
e também as estações.
De tanto arregaçá-las,
as mangas ficarão em farrapos.
(SZYMBORSKA, 2011, p. 92-93)

O eu lírico apresenta as medidas mais mundanas que devem ser tomadas após o término da guerra. Aqueles que sobreviveram devem limpar os detritos das estradas, para que os corpos daqueles que pereceram possam finalmente ser enterrados. O trabalho de reconstrução não pode ser iniciado com os mortos ainda insepultos. Porém, diante da difícilíssima missão de reconstruir o mundo, o poema não abre espaço para o pesar, para que a dor possa ser absorvida e dê lugar ao luto e ao trabalho de memória. O eu lírico do poema de Szymborska não se coloca no lugar de testemunha e tampouco assume um ar emotivo. Não se fala em choros ou lágrimas, mas de atividades até então supostamente banais, como envidraçar janelas e construir pontes. Em face do esfacelamento do mundo, a trivialidade dessas tarefas parece ganhar uma espécie de tom heroico, uma vez que nenhum recomeço seria possível à margem dos escombros e dos cadáveres. Nesse sentido, o poema se mostra como uma meditação filosófica, construindo regras gerais, enunciadas através da repetição de estruturas como “ter que” (“*musieć*”, em polonês), que dão um tom universalizante ao tema da guerra.

Reforçando essa característica generalizante, o eu lírico repete cinco vezes a palavra “alguém”. Ao mesmo tempo em que se refere a um indivíduo genérico, aquele que será responsável por desempenhar essas incumbências, “alguém” se refere também a um sobrevivente, a uma testemunha. Esse sujeito, esse “alguém”, também foi, muito possivelmente, tocado pela experiência traumática da guerra. No entanto, diante da urgência da reconstrução, o luto cede espaço à ação quase mecânica de fazer desaparecer os escombros da tragédia. No poema, “alguém” trabalha, no silêncio dos dias não noticiados pela imprensa, e não sabemos a respeito de sua experiência. É só no vigésimo sétimo

PIROLLI, Rosália Rita Evaldt. Trauma, lembrança e esquecimento nos poemas “Fim e começo” e “Campo da fome em Jasło”, de Wisława Szymborska. *Scripta Uniandrade*, v. 15, n. 3 (2017), p. 167-185.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 11 dez. 2017.

verso que a recordação finalmente aparece de forma explícita. Até então, durante a parte mais dura do trabalho de recomeço, o eu lírico apontava tarefas, na lista infinita das coisas a serem feitas e refeitas, mas não dava voz a esse alguém. A faxina, apresentada pelo eu lírico, organizava-se em uma progressão das tarefas mais fisicamente árduas, de remoção dos entulhos da guerra e da reconstrução de casas e de cidades às emocionalmente árduas, relacionadas à lembrança e ao esquecimento. Como vimos nas primeiras seções deste artigo, uma experiência traumática pode conduzir ao mutismo e à repetição, inviabilizando ou dificultando muito a *anamnese*, o trabalho de memória. A única memória possível até então, no poema, era a memória-hábito do corpo, procurando ordem, repetindo gestos conhecidos e viabilizando materialmente a possibilidade de um novo começo. É apenas com o sujeito com vassoura na mão, já afastado temporalmente da catástrofe, que encontramos a primeira menção à memória.

Alguém de vassoura na mão
ainda recorda como foi.
Alguém escuta
meneando a cabeça que se safou.
Mas ao seu redor
já começam a rondar
os que acham tudo muito chato.
(SZYMBORSKA, 2011, p. 93)

O sobrevivente aqui, finalmente, conseguiu romper o silêncio e sabemos que ele fala, com outro sobrevivente, sobre a sua experiência. No entanto, o eu lírico não nos informa sobre o teor dessa memória, apenas que ela emergiu e que ela pôde ser compartilhada. A recordação, nesse caso, pode ser um amálgama de recordação instantânea e laboriosa. Quem sabe tenha sido o simples ato de varrer que foi o gatilho para a recordação. Da limpeza, agora cotidiana, a memória voltou-se para aquela necessária faxina pós-guerra. A recuperação da memória, nesse verso, encontra já um outro tipo de impedimento: aqueles “que acham tudo muito chato”. Com a gravidade dessa memória ainda impedida, ainda demandando, ela própria, reconstrução, choca-se o pouco caso daqueles que, muito provavelmente, ainda não eram nascidos durante a guerra. A ironia de Szymborska, nesses versos, coloca em cena a degradação da memória: aqueles que sobreviveram e que procuram recordar, com muito custo, pois a recordação aqui é forçosamente dolorosa, se contrapõem aqueles que se seguem aos sobreviventes, que já encontraram o mundo reconstruído, ainda que materialmente. Como podemos perceber, o trabalho de memória ainda não foi efetivamente realizado e o esquecimento

PIROLLI, Rosália Rita Evaldt. Trauma, lembrança e esquecimento nos poemas “Fim e começo” e “Campo da fome em Jasło”, de Wisława Szymborska. *Scripta Uniandrade*, v. 15, n. 3 (2017), p. 167-185.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 11 dez. 2017.

lança sombra a esse evento de forma ativa, por parte daqueles que acham o tema da guerra chato ou que, simplesmente, não se importam em recuperar os vestígios meio apagados da memória. É, portanto, de uma verdadeira dialética entre a memória e o esquecimento que se ocupam as estrofes seguintes do poema.

Às vezes alguém desenterra
de sob um arbusto
velhos argumentos enferrujados
e os arrasta para o lixo.

Os que sabem
o que aqui se passou
devem dar lugar àqueles
que pouco sabem,
ou menos que pouco.
E por fim nada mais que nada.
(SZYMBORSKA, 2011, p. 93)

A memória, aqui submetida ao seu par inseparável, o esquecimento, segue a opção apresentada por Jorge Semprun³, sobrevivente de Buchenwald, em *L'écriture ou la vie* de ceder espaço à vida. Esquecer, para o sobrevivente, é uma forma de continuar a viver. Dessa forma, é possível compreender o que Huysen observa, que “assegurar o passado não é uma tarefa menos arriscada que assegurar o futuro” (HUYSEN, 2000, p. 36). O eu lírico não nos dá pistas sobre a realização efetiva do trabalho de memória, sabemos somente a respeito da inevitável passagem do tempo e do apagamento dos eventuais vestígios. Não se apresenta, no poema, o dever de memória, o dever de não esquecer a guerra, que poderia fazer justiça àqueles que foram suas vítimas e manter um alerta de vigilância em relação ao futuro. Ao mesmo tempo, porém, esse dever de memória deve se equilibrar com o esquecimento, para que os sobreviventes possam prosseguir suas vidas, ainda que torturados por seus traumas e que as próximas gerações possam habitar um mundo menos carregado pela tragicidade da guerra. A última estrofe aponta uma possibilidade de conclusão desse esquecimento, mostrando um indivíduo que, bucolicamente, se entrega a uma tarefa sem qualquer utilidade prática, o devaneio – que aqui pode funcionar inclusive como uma metáfora para a atividade poética.

³ SEMPRUN citado em SELIGMANN-SILVA, 2000, p. 91.

PIROLLI, Rosália Rita Evaldt. Trauma, lembrança e esquecimento nos poemas “Fim e começo” e “Campo da fome em Jasło”, de Wisława Szymborska. *Scripta Uniandrade*, v. 15, n. 3 (2017), p. 167-185.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 11 dez. 2017.

Na relva que cobriu
as causas e os efeitos
alguém vai se deitar
com um capim entre os dentes
e namorar as nuvens.
(SZYMBORSKA, 2011, p. 93)

Será que, ao dispor de tempo, esse sujeito finalmente poderá iniciar o processo de cura da memória impedida? Ou a sua despreziosa contemplação das nuvens seria, pelo contrário, uma luz vermelha acesa à possibilidade de que aquilo que aconteceu, e que foi esquecido, possa acontecer novamente? No fim das contas, o poema de Szymborska não nos aponta uma resposta, mas apenas uma possibilidade diante do jogo entre memória e esquecimento.

Esse mesmo tema aparece também no poema “Campo da fome em Jasło”, que pertence ao livro *Sal*, publicado em 1962. Vale a pena lembrar que esse é o segundo livro da poeta, publicado após a sua renúncia à ideologia político-estética soviética. Essa nova fase de Szymborska foi, ao mesmo tempo, bem recebida e alvo de críticas. O poeta e ensaísta Julian Przyboś, por exemplo, a criticava por uma certa “*descriptiveness and narrativeness*” (PRZYBOŚ, 1962 apud DĄBROWSKA, 2013). Essa característica narrativa da poesia de Szymborska, que se apoia na descrição para tecer uma reflexão filosófica, é bastante forte no poema em questão. “Campo da fome em Jasło” é composto por duas grandes estrofes assimétricas, de treze e dezenove versos respectivamente. Os versos são longos, brancos e livres. O movimento de abertura, com seu jogo de imperativos e interrogações, dá o tom do poema. Seu ritmo se constrói pelo modo paratático, com a acumulação de observações e imagens ao longo do poema. O eu lírico trava uma conversação com um interlocutor ausente, que poderia ser compreendido como a sua própria consciência. Essa voz, que interpela o eu lírico à reflexão, emprega um tom grave, assertivo.

Escreve isto. Escreve. Com tinta comum
em papel comum: não lhes deram comida,
todos morreram de fome. *Todos? Quantos?*
(SZYMBORSKA, 2016, p. 85)

A marca gráfica do itálico é um elemento importante, pois separa essas duas instâncias de interlocução. É uma prática comum, por exemplo, em textos escritos empregar o itálico para marcar palavras estrangeiras ou, de modo geral, um elemento externo. Uma leitura possível é, portanto, que essa marcação em itálico seja o interlocutor do eu lírico mas, dado que a poesia de Szymborska é conhecida por ceder a palavra àqueles que historicamente não têm voz,

PIROLLI, Rosália Rita Evaldt. Trauma, lembrança e esquecimento nos poemas “Fim e começo” e “Campo da fome em Jasło”, de Wisława Szymborska. *Scripta Uniandrade*, v. 15, n. 3 (2017), p. 167-185.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 11 dez. 2017.

ousaremos nessa análise dizer que o elemento externo aqui é o eu lírico, que é aquele que está sendo demandado pela instância da memória e do testemunho, extremamente relevante diante da desinformação no mundo ocidental acerca dos campos de concentração em Szebnie. Esse interlocutor ausente – essa consciência, esse imperativo do dever de memória – é, dessa forma, predominante no poema, deixando apenas cinco versos ao eu lírico. O tom imperativo dessa instância interlocutória ordena que o eu lírico registre, que ele escreva sobre a destruição da cidade de Jasło e o horror e a fome que foram infligidos aos seus habitantes, durante a Segunda Guerra Mundial – informação que já nos tinha sido antecipada com o título do poema. O eu lírico é impelido a registrar o acontecimento pelos meios comuns da escrita como uma forma, talvez, de salvaguardar do esquecimento aquilo que aconteceu. Nesse caso, a escrita parece funcionar como uma caução da memória, evitando que ela esteja à mercê daqueles usos e abusos previstos por Ricœur: o esquecimento e a repetição – ambos, duas reações indesejadas diante do ocorrido. No entanto, a mão que deve fazer o registro hesita diante do fato, pede um número exato, para que se possa contabilizar corretamente as vítimas. A demanda de precisão recebe uma resposta dolorosa e pungente, que critica a perspectiva da História com h maiúsculo que, assim como no poema “Fim e começo”, não se interessa pelo indivíduo, pelo alguém e pelo ninguém que é tomado pelo curso de seus eventos.

[...] *Todos? Quantos?*
É uma grande campina. Quanta grama
coube a cada um? Escreve: não sei.
A história arredonda os esqueletos para zero.
Mil e um é sempre e apenas mil.
Esse um, é como se nunca existisse:
embrião imaginado, berço vazio,
cartilha aberta para ninguém,
ar que ri, grita e cresce,
escada para um vazio que corre para o jardim,
lugar de ninguém na fila.
(SZYMBORSKA, 2016, p. 85)

A estatística histórica aqui é cruel e apaga o vestígio de um ser vivente que, no entanto, nasceu, cresceu, foi importante para alguém, como observa a interlocução do eu lírico. Para aquela história oficial, é como se esse indivíduo nunca tivesse existido: friamente, um corpo a mais, um corpo a menos não altera o assombro dos dados. A multidão de anônimos – o “alguém” que recolhe os cadáveres, que limpa as estradas, que mergulha no lodo para fazer a faxina

PIROLLI, Rosália Rita Evaldt. Trauma, lembrança e esquecimento nos poemas “Fim e começo” e “Campo da fome em Jasło”, de Wisława Szymborska. *Scripta Uniandrade*, v. 15, n. 3 (2017), p. 167-185.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 11 dez. 2017.

e o “ninguém” que perece nos campos, morrendo de fome, passando à margem pelas páginas da grande história. A poesia de Szymborska, no entanto, que pode ser definida por uma formulação encontrada em outro poema do volume *Sal*, “Conversa com a pedra”: é uma poesia que busca um “sentido de participação”, uma forma radical de alteridade, que seja capaz de formulações gerais, universais, mas que também ceda espaço para aqueles que não são contemplados pela História e que, de certa forma, são também esquecidos da memória. Segundo Nathalia G. da Costa, a poesia de Szymborska “dá voz aos sujeitos subalternizados e silenciados pela história [...], valoriza e analisa o poder do tempo e expressa compaixão por aqueles que foram injustiçados e de alguma forma vítimas do sistema político da época” (COSTA, 2014, p. 88). Além disso, o próprio eu lírico do poema cede a maior parte do seu espaço ao imperativo de lembrar esse Outro esquecido, servindo como um lembrete ao dever de memória. Esse dever de memória, aparentado da memória obrigada, em associação ao trabalho de memória e ao luto, pode ser um dos caminhos para uma reconciliação entre memória e história.

Além disso, o imperativo de registrar o sofrimento e a fome se assemelha à recordação laboriosa, que se apoia na inteligência e na observação cuidadosa dos vestígios, para reconstituir a cena esquecida. O imperativo de “Escreve isto. Escreve” acompanha também o desejo de recordar, de não deixar esquecer. A memória luta contra a estatística, contra o fado da História e, principalmente, contra o esquecimento. Sob a visão da campina, observa-se o triunfo do silêncio. Assim como aqueles que passaram pela experiência traumática, o cenário da tragédia, ao mesmo tempo que se reveste de vida, se cala.

Estamos nesta campina, onde se fez carne.
Mas ela se cala como uma testemunha comprada.
(SZYMBORSKA, 2016, p. 85)

Tomada pelo imperativo da escrita e da recordação laboriosa, é a instância de interlocução do eu lírico que deve encontrar os traços discretos daquilo que aconteceu, é ela que deve dar significado àquilo que vê, revestindo as imagens percebidas na campina com o verniz da verdade. A imagem, nesse caso, funciona como um lembrete mnemônico e tudo aquilo que o eu lírico percebe é brutalizado em consequência do signo da miséria que ocorrera naquele lugar. Na campina, é possível ver: “madeira para mascar”, “casca para beber”, “porção diária”, não de comida, mas de vista, a boca escancarada dos famintos, os pássaros distantes com “asas nutritivas”, as mandíbulas e os dentes em agonia, o “pão sonhado”, o “cálice vazio”. A memória-hábito do gesto mais cotidiano relativo à alimentação é toda perturbada pela catástrofe, pela fome que ceifou a vida dos habitantes dessa cidade. Se o esquecimento histórico

ocupa a primeira estrofe do poema, a fome ocupa então toda a segunda estrofe. Além disso, a mesma imagem da campina, diante dos olhos de algum outro observador, que não tivesse sido tocado pelo imperativo de recordar, poderia parecer idílica.

O poema se encaminha para o final com duas imagens terríveis e que ganham um tom ainda mais tétrico na tradução de Kilanowski:

No espeto do arame farpado
Balançava um homem.
Cantavam com terra na boca. [...]
(SZYMBORSKA, 2014)

A morte ronda os famintos no campo de Jasło, revelando-se com a agonia de um homem, preso no arame farpado, no “campo onde se fez carne”. A matéria-prima de uma carnificina se faz, nesse verso, brutalmente visível. E, se a morte já tomou um indivíduo, ela espreita os outros de perto: alimentando-se de terra ou talvez deitados sobre o campo, sentindo o gosto do local onde perecerão. Não há qualquer sombra de alegria no ato de cantar mas, talvez, de loucura. O poema se encerra com um novo imperativo e com a resposta definitiva do eu lírico.

Escreve como aqui há silêncio.
Sim.
(SZYMBORSKA, 2016, p. 87)

O eu lírico, com a única resposta empática possível, assume a tarefa de romper o silêncio da página em branco, testemunhando ele próprio a respeito desse episódio. O silêncio do campo em Jasło não tem apenas o tom do esquecimento, mas encerra também, de certo modo, o silêncio que impera nos cemitérios, nos espaços habitados pelos mortos. Diante de uma vida repleta de sujeira, de caos, de som e de fúria, o silêncio da morte é uma resposta indecifrável. No caso do poema, cabe aos vivos a tarefa de dar sentido a esse vazio, de quebrar o mutismo da experiência traumática, de encerrar, em som e signos, a memória daqueles que se calaram indefinidamente.

Como pudemos ver, nesses dois poemas de Szymborska a relação entre o trauma e a memória é sempre fraturada, sempre atravessada por impedimentos e lapsos, não apenas da memória, mas também da história. A tarefa de recordar ganha formas diferentes para além do testemunho da vítima, pois a poeta ousa dar voz àqueles que ficaram à margem, que não puderam superar o silêncio do trauma e elaborar uma narrativa minimamente conciliadora. As modalidades de recordação que vimos ao longo do artigo se

entrelaçam para criar um quadro intrincado a respeito da relação ambivalente entre memória e esquecimento. Nesse caso, a escrita dos poemas responde a uma primeira vitória contra o esquecimento: o rastro, o vestígio, permanecem graças à letra escrita. Além disso, não nos parece incorreto afirmar que, enquanto circular a obra dessa poeta polonesa, parte do urgente trabalho de memória, não apenas relativo à *Shoah*, mas também à guerra como um evento recorrente na história da humanidade, estará sendo realizado por intermédio da empatia e da compaixão de sua voz lírica.

REFERÊNCIAS

BARAŃCZAK, S. Introduction. In: BARAŃCZAK, S.; CAVANAGH, C. *Polish poetry of the last two decades of communist rule: Spoiling canibal's fun*. Evanston, Illinois: Northwest University Press, 1991.

_____. Afterword. In: SZYMBORSKA, S. *Nothing twice: Selected poems*. Cracóvia: Wy dawnictwo literackie, 1997.

CARUTH, C. Modalidade do despertar traumático (Freud, Lacan e a ética da memória). In: NESTROVSKI, A.; SELIGMANN-SILVA, M. (Org.) *Catástrofe e representação*. São Paulo: Ed. Escuta, 2000.

COSTA, N. C. G. O poder de preservar: uma reflexão da história na poesia de Wisława Szymborska. 29 out. 2014. 137 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

DĄBROWSKA, K. Wisława Szymborska – The poetry of existence. *Culture.pl*, 24 out. 2013. Tradução de Tadeusz Z. Wolanski. Disponível em: <http://culture.pl/en/article/wislawa-szymborska-the-poetry-of-existence>. Acesso em: 17 fev. 2017.

HAMBURGER, M. Uma nova austeridade. In: _____. *A verdade da poesia*. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

HUYSSSEN, A. *Seduzidos pela memória: Arquitetura, monumentos, mídia*. Tradução de Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

KILANOWSKI, P. Poesia, ironia e resistência. Wisława Szymborska olha para o totalitarismo. *Qorpus*, v. 22, 2016. Disponível em: <http://qorpus.paginas.ufsc.br/como-e/edicao-n-22/poesia-ironia-e-resistencia-wislawa-szymborska-olha-para-o-totalitarismo-piotr-kilanowski/>. Acesso em: 14 fev. 2017.

_____. Os nomes e o silêncio. Reflexão sobre dois poemas de Wisława Szymborska no quadro da poesia polonesa sobre a Shoah. *Qorpus*, v. 15, 2014.

PIROLLI, Rosália Rita Evaldt. Trauma, lembrança e esquecimento nos poemas “Fim e começo” e “Campo da fome em Jasło”, de Wisława Szymborska. *Scripta Uniandrade*, v. 15, n. 3 (2017), p. 167-185.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 11 dez. 2017.

Disponível em: <http://qorpus.paginas.ufsc.br/como-e/edicao-n-015/os-nomes-e-o-silencio-reflexao-sobre-dois-poemas-de-wislawa-szymborska-no-quadro-da-poesia-polonesa-sobre-shoah-piotr-kilanowski/>. Acesso em: 14 fev. 2017.

LIGEZA, W. A vida inconcebível – Sobre os poemas de Wisława Szymborska. Tradução de Piotr Kilanowski. *Qorpus*, v. 13, 2014. Disponível em: <http://qorpus.paginas.ufsc.br/como-e/edicao-n-013/2943-2/>. Acesso em: 10 fev. 2017.

MIŁOSZ, C. *O testemunho da poesia – seis conferências sobre as aflições de nosso século*. Tradução de Marcelo Paiva de Souza. Curitiba: Editora UFPR, 2012.

PRZYBYCIEN, R. Prefácio – A arte de Wisława Szymborska. In: SZYMBORSKA, W. *Poemas*. São Paulo: Cia das Letras, 2011

_____. Wisława Szymborska: a história vista das margens. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 7, n. 10, p. 23-36, jan.-jul. 2005. Disponível em: http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF%2010/1_przybycien.pdf. Acesso em: 23 dez. 2016.

RICŒUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Tradução de Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SELIGMANN-SILVA, M. A História como trauma. In: NESTROVSKI, A.; SELIGMANN-SILVA, M. (Org.) *Catástrofe e representação*. São Paulo: Ed. Escuta, 2000, p. 73-98.

SIEWIERSKI, H. *História da literatura polonesa*. Brasília: Editora UnB, 2000.

SZYMBORSKA, W. *Poemas*. Tradução de Regina Przybycien. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

_____. *Um amor feliz*. Tradução de Regina Przybycien. São Paulo: Cia das Letras, 2016.

_____. Campo da fome em Jasło. Tradução de Piotr Kilanowski. Florianópolis, *Qorpus*, v.15, dez. 2014. Disponível em: <http://qorpus.paginas.ufsc.br/teatro-na-praia/edicao-n-015/poemas-de-wislawa-szymborska-traducao-de-piotr-kilanowski/>. Acesso em: 17 fev. 2017.

ROSÁLIA RIT EVALDT PIROLI é doutoranda em Letras, vinculada à linha de pesquisa Alteridade, mobilidade e tradução do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná, é mestre em Letras (2016) pela mesma instituição e mestre em Ciências da Linguagem (2011) pela Universidade Stendhal Grenoble 3. Publicou os artigos "A Literatura Brasileira no sistema cultural francês: representações do jornal *Le Monde* em 2014" (2016), na revista *Travessias Interativas*, "Aspectos da cultura popular em Histórias de Alexandre, de Graciliano Ramos: Uma recepção problemática" (2016), pela revista *Boitatá* e "Abusos da memória em K. – Relato de uma busca" (2014), na revista *Travessias Interativas*.